

Intérprete de Edith Piaf, Anne Carrere fará shows no país

PÁGINA 3



Cannes começa e tem filme brasileiro no páreo

PÁGINAS 4 E 5



Editora revela curiosidades sobre Rubem Fonseca

PÁGINAS 6 E 7



## 2º CADERNO

Cantora realiza seu projeto mais ambicioso: recriar os clássicos de uma das artistas mais cultuadas da canção brasileira



Murilo Alves/Divulgação

# A estrela Dalva reluz na voz de Alaíde Costa

Por Affonso Nunes

**A**os 89 anos, Alaíde Costa lança um de seus projetos mais emocionais e ambiciosos: o álbum “Uma Estrela Para Dalva”, tributo à cantora Dalva de Oliveira (1917–1972), com lançamento pela gravadora Deck e produção de Thiago Marques Luiz, empresário e produtor que acompanha Alaíde desde 2004. O trabalho celebra o legado de uma das intérpretes mais icônicas da música brasileira com um repertório de clássicos recriados por grandes nomes da MPB, reforçando a relevância de Dalva e reafirmando mercedamente Alaíde como guardiã da memória afetiva da canção popular.

Conhecida como a “Rainha da Voz”, a paulista Vicentina de Paula Oliveira,

de Rio Claro, marcou a música brasileira com sua voz potente, técnica refinada e dramatismo interpretativo. Foi uma das

primeiras cantoras a assumir protagonismo como artista solo no Brasil, rompendo com os moldes das grandes orquestras e conjuntos vocais que dominavam os anos 1930 e 1940.

Iniciou a carreira na década de 1930 e alcançou fama nacional como integrante do Trio de Ouro, ao lado de Herivelto Martins e Nilo Chagas. Após separar-se do trio e de Herivelto, Dalva seguiu carreira solo e tornou-se um fenômeno popular, marcando a Era do Rádio com sucessos como “Tudo Acabado”, “Ave Maria no Morro”, “Errei Sim” e “Bandeira Branca”. Dalva também teve reconhecimento internacional, chegando a se apresentar na coroação da rainha Elizabeth II, em 1953.

Sua trajetória pública, marcada por uma vida pessoal exposta nos jornais, contribuiu para torná-la uma figura emblemática de sua época. O fim da tumultuada relação com Herivelto se desdobrou em composições de desamor trocadas por ambos, também a tornou uma figura midiática.

Continua na página seguinte

# Uma releitura cuidadosa e contemporânea para clássicos do cancioneiro nacional

Paulo Henrique de Moura/Divulgação

**S**egundo Alaíde, o projeto realiza um desejo antigo. “Dalva sempre foi uma grande inspiração para mim. Poder prestar essa homenagem é algo que carrego há muitos anos. É uma oportunidade de manter viva a história da música brasileira”, afirma. Thiago Marques Luiz reforça: “Este álbum é a forma mais bela de traduzir essa reverência. Reunimos uma equipe extraordinária, com músicos e intérpretes que trouxeram suas próprias emoções para cada faixa. É um presente para a nossa história musical”.

Com arranjos sofisticados e participações especiais, “Uma Estrela Para Dalva” propõe uma releitura cuidadosa e contemporânea do repertório da “Rainha da Voz”. O álbum abre com o single “Há um Deus”, dueto entre Alaíde e o pianista pernambucano Vitor Araújo, que já antecipava a densidade emocional do tributo.

O disco conta com a participação de Maria Bethânia, que interpreta “Ave Maria no Morro” ao lado do violonista João Camarero, em um dos momentos mais delicados da obra. A faixa “Sebastiana da Silva” ganha arranjo inédito assinado por Roberto Menescal e Yuri Queiroga. Outro destaque é a recriação de “El Día Que Me Quieras”, tango clássico imortalizado por Carlos Gardel e gravado por Dalva, aqui apresentado com a intervenção jazzística do pianista Amaro Freitas, que também participa da faixa “Bandeira Branca”.

A presença de músicos experientes e respeitados reforça o caráter coletivo do projeto. Guinga interpreta “Bom Dia”; Antonio Adolfo acompanha Alaíde em “Errei Sim”, em arranjo que preserva o lirismo da canção. Cristóvão Bastos



*Maria Bethânia é uma das participações de peso do belíssimo álbum em que Alaíde Costa revive o repertório emblemático de Dalva de Oliveira*

## FAIXAS E PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS DO ÁLBUM

**TATUADO** – Zé Manoel

**HÁ UM DEUS** – Vitor Araújo

**SEGUNDO ANDAR** – Filó Machado e Léa Freire

**ERREI SIM** – Antonio Adolfo

**BOM DIA** – Guinga

**TEUS CIÚMES** – Cristóvão Bastos

**AVE MARIA DO MORRO** – Maria Bethânia e João Camarero

**FIM DE COMÉDIA** – André Mehmari

**EL DÍA QUE ME QUIERAS** – Amaro Freitas

**SEBASTIANA DA SILVA** – Roberto Menescal e Yuri Queiroga

**NESTE MESMO LUGAR/TUDO ACABADO** – Roberto Sion

**ESTRELA DO MAR** – Itamar Assiere

**A GRANDE VERDADE** – Edson Cordeiro e Gabriel Deodato

**SEGREDO/CALÚNIA** – Alexandre Vianna

**DISTÂNCIA** – Gilson Peranzetta

**MENTIRA DE AMOR** – José Miguel Wisnik

**BANDEIRA BRANCA** – Amaro Freitas

assina a nova versão de “Teus Ciúmes”, enquanto André Mehmari aplica sua sensibilidade em “Fim de Comédia”. A dupla Filó Machado e Léa Freire revisita “Segundo Andar”, e Roberto Sion imprime uma nova leitura ao medley “Neste Mesmo Lugar/Tudo Acabado”.

O álbum também apresenta

colaborações de Edson Cordeiro e Gabriel Deodato em “A Grande Verdade”, Alexandre Vianna nas faixas “Segredo” e “Calúnia”, Gilson Peranzetta em “Distância”, José Miguel Wisnik em “Mentira de Amor” e Itamar Assiere em “Estrela do Mar”. A seleção de convidados não só amplia o alcance sonoro

do disco, como evidencia a influência persistente da obra de Dalva em diversas gerações de músicos.

Para o produtor Thiago Marques Luiz, trata-se de um projeto de forte valor afetivo e histórico: “Produzir ‘Uma Estrela Para Dalva’ é a concretização de um sonho antigo da Alaíde. Este álbum — o oitavo

que produzo com ela — traduz da forma mais bela a reverência que Alaíde tem por Dalva”.

Mais do que uma homenagem, “Uma Estrela Para Dalva” é uma declaração de amor à canção brasileira e à sua capacidade de atravessar gerações com beleza e verdade. O encontro entre duas grandes vozes — ainda que em tempos distintos — revela como a música é capaz de preservar afetos, reconstruir memórias e inspirar novos caminhos. Alaíde Costa, uma das últimas representantes da era de ouro da MPB ainda em plena atividade, dá voz e corpo à permanência de Dalva de Oliveira. E o faz com a dignidade de quem sabe o peso e a leveza de se manter fiel à própria arte. Poucas são as vezes em que a artista que presta o tributo está na mesma plateia da homenageada.

ENTREVISTA / ANNE CARRERE, CANTORA

# 'A música compartilha sentimentos universais'



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Investigada pelo Correio da Manhã para um dia montar um show só com hits de Yves Montand (1921-1991), a francesa Anne Carrere embarca no desafio e improvisa umas notas do sucesso “La Bicyclette” no papo via Zoom sobre os ícones da paixão no cancionero do Velho Mundo. Dois deles mobilizam uma série de espetáculos que ela fará no Brasil a partir do fim do mês: Édith Piaf (1915-1963), que completaria 110 anos em 19 de dezembro, e Charles Aznavour (1924-2018).

Sua turnê brasileira, organizada pela Poladian Produções, inclui: Porto Alegre (29/5), Curitiba (30/5), Belo Horizonte (31/5), São Paulo (1/6), e Rio de Janeiro (7 e 8/6), onde se apresenta no Theatro Municipal.

Empenhada em reviver ícones imortais da indústria fonográfica essenciais à França do pós-II Guerra, Anne vasculha a intensa relação artística e afetiva entre Piaf e Aznavour, parceiros profissionais e grandes amigos. Quando Aznavour ain-

da era um jovem compositor sem fama, com aspirações ao estrelato, foi Piaf quem lhe estendeu a mão e o apresentou ao mundo. Ela o levou em turnês e incentivou-o a cantar suas próprias músicas. Piaf não apenas interpretou algumas de suas primeiras composições, como também foi sua mentora e incentivadora. Anos depois, Aznavour se tornaria o artista francês mais conhecido internacionalmente, com mais de 100 milhões de discos vendidos, numa carreira de sete décadas.

Essa conexão única é refletida no espetáculo que Anne traz aos palcos, acompanhada por quatro maestros, sob arranjos de Guy Giuliano. Durante 90 minutos, o público é transportado à Paris do século XX, dos bares e ruas onde Piaf começou sua trajetória. O show também abre espaço para a sensível homenagem a Aznavour, com a interpretação de clássicos como “La Bohème”, “Je m’voyais déjà”, “Jezebel”, “Formidable” e “Les Deux Guitares”.

Na entrevista a seguir, esse rouxinol nascido em Toulon faz um inventário da memória sentimental europeia.

“*Eu canto uma França popular que se remonta ao romantismo dos anos 1950 e 60. Há uma nova geração que canta o querer lá hoje*”

Anne Carrere

**Tanto Édith Piaf quanto Charles Aznavour tiveram o rádio como aliado central na guerra pela consolidação de suas carreiras, como foi praxe com todo grande ídolo da canção popular do século 20. O que ocupa o lugar da cultura radiofônica nestes tempos em que a música é descoberta e consumida pelas vias digitais?**

**Anne Carrere:** Ouve-se muito bate-estaca, aquele “pumpumpum” no rádio de hoje, que pode ser ou-

vido online. Na Europa, existem rádios, como a France Bleu Provence, que ainda tocam um repertório romântico do passado. Muitos países têm emissoras assim. As pessoas que amam esse cancionero hoje vão à internet, buscam vídeos, gravações antigas. Essa cultura se mantém.

**Dentro dessa manutenção da tradição romântica, qual é o maior desafio de se cantar o amor hoje, diante de tanta polarização?**

A música compartilha sentimentos universais. Daí a relevância de se cantar o amor.

**Em que momento da sua carreira Édith Piaf virou um norte e uma paixão?**

Um dia, eu fui submetida a uma audição, numa escolha de elenco para um projeto, e pediram que eu cantasse Édith e Aznavour. Fui reconhecida de cara como intérprete dela. Isso se deu porque eu não a imito, eu busco trazer à tona a identidade dela do meu modo. Piaf carrega em si a velha Paris.

**Que releitura você oferece ao repertório de Aznavour?**

Sou uma mulher cantando canções de um homem que cantou o amor a partir de sua perspectiva. Tento aceitar a visão dele e incorporá-la à minha feminilidade, sem incorrer na caricatura.

**Como é a sua relação com a MPB?**

A canção brasileira é quente. Quando eu me deparo com Elis Regina e Bibi Ferreira, eu encontro registros do amor com muito calor e verdade. Eu estou preparando uma surpresa para o show que passa por esse terreno da música brasileira.

**Falando de brasilidade, qual seria a sua “francesidade”, ou seja, de que França você fala em seus shows?**

Eu canto uma França popular, que se remonta ao romantismo dos anos 1950 e 60. Há uma nova geração que canta o querer lá hoje. De tempos em tempos, temos uma renovação de talentos que se ligam à herança de Jacques Brel, de Mireille Mathieu.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**os 45 minutos do segundo tempo do encerramento de sua programação 2025, o Festival de Cannes cavou uma vaga para promover um colóquio de um multiartista mexicano que fez da fantasia seu gabinete de curiosidades: o diretor mexicano Guillermo Del Toro. Neste domingo, o artesão autoral ganhador do Leão de Ouro e do Oscar de Melhor Realização por “A Forma da Água” (2017) tem uma palestra com o maestro e compositor francês Alexandre Desplat, hoje a grife de maior ascensão do audiovisual quando o assunto é trilha sonora.

Os dois desenvolvem atualmente uma nova versão de “Frankenstein”, com Jacob Elordi no papel do monstro criado na literatura por Mary Shelley (1797-1851). Oscar Isaac encarna o professor que dá vida a uma criatura feita de restos humanos e eletricidade. Hoje com 60 anos, Del Toro só concorreu à Palma de Ouro uma vez, em 2006, com “O Labirinto do Fauno”, mas esteve na Croisette antes, em 1993 com “Cronos”, na Semana da Crítica. Volta agora com a proposta de falar de música. O que se espera dele, no entanto, é uma fala sobre bestas.

“Gente fina, do tipo bonzinho não me interessa, pois eu cresci cercado de fábulas em que pessoas difíceis, de perfil torto, saem em uma jornada de autodescoberta. Eu me interesso por pessoas que precisam se tornar boas para serem amadas”, explicou Del Toro ao Correio em entrevista no Festival de Marrakech, no Marrocos, quando “Frankenstein” já era uma aurora em seus horizontes.

### Volta por cima

Seu último sucesso, “Pinóquio”, ganhador do Oscar de Melhor Longa de Animação em 2023 e dirigido em duo com Mark Gustafson, também teve Desplat na equipe. Será um dos temas de eixo da conversa dele em Cannes. Ninguém deve abordar seus fiascos no papo no balneário. Del Toro naufragou nas bilheterias em 2021 com “O Beco do Pesadelo”, um noir que custou US\$ 60 milhões para sair do papel e só faturou US\$ 39 milhões. Apesar disso, ele deu a volta por cima e manteve sua origem - de Guadalajara - sem-



*Guillermo del Toro e seu Pinóquio: ‘Trabalho com a certeza de que sucesso e fracasso são vizinhos’*

# O som dos monstros

Quase 20 anos depois de ter concorrido à Palma de Ouro, Guillermo Del Toro volta a Cannes para falar de música, de ‘Pinóquio’ e do esperado ‘Frankenstein’, que lança este ano

pre no centro de suas entrevistas.

“Nossa origem latina foi, por muito tempo, tratada na indústria como algo folclórico. Há mais de uma década, eu li um verbete sobre o meu conterrâneo Alfonso Cuarón, escrito pelo crítico David Denby, mais ou me-

nos assim: ‘Alfonso é um cineasta mexicano consagrado por ‘E sua mãe também’ que vai filmar um longa da franquia ‘Harry Potter’. Se ele se sair bem nessa, nunca mais filmará à mexicana, pois será tragado pela indústria’. O tempo passou, Alfonso ganhou o Oscar pela direção de ‘Gravidade’, foi cercado por milhões dólares por todos os lados e, apesar deles, foi ao México filmar uma trama intimista, sobre uma empregada doméstica de origem indígena, baseado em sua própria história com sua babá. A gente não deve ser o que o mercado diz. A expressão de um artista é a liberdade. Queria muito filmar a saga de Pinóquio. Mas só concordei em fazê-lo se fosse do meu modo, nas minhas regras”, disse Del Toro ao Correio da Manhã quando o projeto sobre o menino de madeira começou a ser gestado, em 2018, durante uma passagem do realizador por Marrakech.

Na ocasião, Del Toro estava quase desistindo de filmar “Pinóquio”, por não encontrar meios. Na época, o italiano Matteo Garrone estava filmando a mesma trama, com Roberto Benigni, mas a Netflix apareceu e ofereceu a ele meios de filmar, bancando um

elenco estelar, com Tilda Swinton, Christoph Waltz e John Turturro. O diretor estava às voltas com um projeto da DC Comics, sobre o universo dos super-heróis, quando o apoio do streaming veio.

É autoralíssima a releitura do realizador de “Hellboy” (2004) para o livro “Pinocchio” (1883), de Carlo Collodi Lorenzini (1826-1890) e Enrico Mazzanti (1850-1910), hoje na grade da Netflix com enorme sucesso. O que se vê é um desbunde. É musical, é aventura... tudo em stop motion (a técnica de “Fuga das Galinhas”, na qual objetos são animados quadro a quadro, aparentando movimento). Tudo em cena tem o rastro autoral funéreo e sóbrio de Del Toro. A direção de arte tem visual amadeirado, em sintonia com seu protagonista, um boneco de pau que ganha vida. E é uma direção que foge totalmente de qualquer marca em comum com o desenho animado da Disney de 1940.

“Sou um peixinho no meu aquário, trabalhando com a certeza de que sucesso e fracasso são vizinhos”, avisou Del Toro a Marrakech. “A questão é que nunca saberemos atrás de que porta está cada um deles”.

# Fricções brasileiras, em .doc, curta, júri e na voz autoral de **Kleber Mendonça Filho**

**F**icou a cargo da estreada Amélie Bonnin abrir Cannes nesta terça-feira, logo após a entrega da Palma de Ouro Honorária ao ator Robert De Niro que, nesta quarta-feira, terá um bate-papo no Palais des Festivals para falar de sua trajetória profissional, iniciada na segunda metade dos anos 1990. Ainda no dia 14, o evento francês abre sua competição, que conta com 22 longas a serem avaliados por um júri presidido por Juliette Binoche.

Seis anos depois da consagração internacional de “Bacurau”, o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho volta à disputa - de onde saiu com o Prêmio do Júri, em 2019 - para concorrer (pela terceira vez em sua carreira) ao palmarês cannoise, agora com o thriller “O Agente Secreto”. Seu novo filme, ambientado no Brasil de 1977, tem como seu protagonista o eterno Capitão Nascimento, o baiano Wagner Moura.

O astro de “Narcos” encarna Marcelo, um especialista em tecnologia que foge de um passado misterioso e volta ao Recife em busca de paz. Ele logo percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura. Ao lado de Wagner estão Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Thomás Aquino, Alice Carvalho, Edilson Filho e o alemão Udo Kier. O filme é uma coprodução Brasil (CinemaScópio Produções), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films) e terá distribuição no Brasil da Vitrine Filmes.

“Wagner virou um amigo nesse processo e, com certeza, o que ele adquiriu de experiência como diretor (em “Marighella”) se faz presente na maneira de ele estar em cena”, disse Kleber ao Correio.

Crítico de cinema nos anos 1990 e 2000, Kleber lançou em Cannes o curta “Vinil Verde”, em 2004, numa época em que cobria o festival como repórter, travando entrevistas com titãs da realização. Depois do êxito global de seu longa de estreia, “O Som ao Redor” (coroadado com 39 laureas internacio-



Victor Juca/Divulgação

**Wagner Moura em ‘O Agente Secreto’, uma trama misteriosa ambientada em Recife nos anos 1970 e que representa o Brasil na disputa da Palma de Ouro**

nalmente, a partir da conquista do Prêmio da Crítica no Festival de Roterdã, em 2012), o cineasta brigou pela Palma de Ouro de 2016, com “Aquarius”. Na ocasião, atraiu holofotes para o Brasil ao abrir o jogo sobre o golpe de estado que ocorria em solo nacional com o Impeachment de Dilma Rousseff. Ele, sua equipe e seu elenco (encabeçado por Sonia Braga) passaram pelo tapete vermelho da Croisette com cartazes em folhas de A4 expondo o avanço da extrema direita.

Três anos depois, concorreu com “Bacurau”, que dirige em dupla com Juliano Dornelles. Foi jurado no festival em 2021 e retornou em 2023, para exibir o .doc “Retra-

tos Fantasmas”, que disputou o troféu L’Oeil d’Or.

Em 2025, ele vai encarar signos de autoralidade como os irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne (da Bélgica), Kelly Reichardt (dos EUA) e Joachim Trier (da Noruega). Curiosamente todas essas vozes autorais já operaram nos júris da Croisette em edições passadas. Como esperado, Wes Anderson estará no páreo com “O Esquema Fenício”, que promete bombar nas bilheterias, com Tom Hanks, Benicio Del Toro e Bryan Cranston (o Walter White da série “Breaking Bad”), neste momento em que seu diretor é tema de uma megaexposição de sua arte na Cinema-

## OS 22 CONCORRENTES À PALMA DE OURO DE 2025

- \*O ESQUEMA FENÍCIO por Wes Anderson
- \*EDDINGTON por Ari Aster
- \*RÉSURREIÇÃO por Bi Gan
- \*JEUNES MÈRES de Jean-Pierre e Luc Dardenne
- \*ALFA por Julia Ducournau
- \*RENOIR por Hayakawa Chie
- \*A HISTÓRIA DO SOM por Oliver Hermanus
- \*LA PETITE DERNIÈRE de Hafsia Herzi
- \*SIRAT por Oliver Laxe
- \*NEW WAVE por Richard Linklater
- \*DOIS PROCURADORES por Sergei Loznitsa
- \*FUORI de Mario Martone
- \*O AGENTE SECRETO de Kleber Mendonça Filho
- \*DOSSIÊ 137 de Dominik Moll
- \*FOI APENAS UM ACIDENTE por Jafar Panahi
- \*MORRA MEU AMOR por Lynne Ramsay
- \*O MESTRE por Kelly Reichardt
- \*MULHER E CRIANÇA por Saeed Roustaei
- \*ÁGUIAS DA REPÚBLICA por Tarik Saleh
- \*SOM DE QUEDA por Mascha Schilinski
- \*ROMÉRIA por Carla Simón
- \*AFFEKSJONSVERDI de Joachim Trier

teca Francesa, em Paris.

País homenageado do Marché du Film (a ala de negócios de Cannes) este ano, o Brasil terá vez ainda na seção Classics do festival com “Para Vigo Me Voy!”, um documentário sobre Cacá Diegues (1940-2025) dirigido por Karen Harley e Lírio Ferreira. Disputa ainda o prêmio das curtas da Semana da Crítica com “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli. Na Un Certain Regard, há uma coprodução da brasileira Tatiana Leite com Portugal, “O Riso e a Faca”, de Pedro Pinho. Há ainda a presença do cineasta Marcelo Caetano no júri da Queer Palm de 2025. (R. F.)

# As proibições não suavizaram os textos de Rubem Fonseca

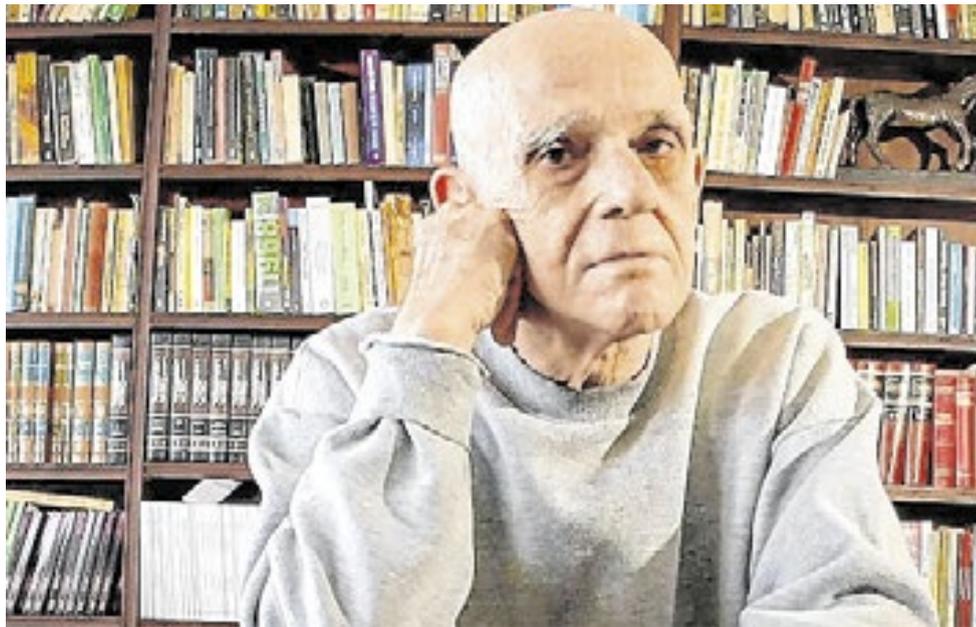
Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

**M**ineiro de Juiz de Fora, radicado no Rio desde a infância, Rubem Fonseca foi festejado pela crítica no lançamento de sua primeira coletânea de contos, em 1963, “A coleira do Cão”. Com ele, a crônica policial deixa os jornais e se instala como gênero de destaque da literatura brasileira, não apenas pela temática da violência urbana, mas também por mostrar aspectos inerentes à vida nas metrópoles, como a negligência do poder público, a marginalidade que cresce no abandono e a solidão de tantos. As tramas realistas se apoiam em diálogos fiéis à oralidade de sua época e pródigos em palavrões.

Já havia recebido o primeiro dos seis prêmios Jabuti concedidos por diferentes livros (“Lucia McCartney”, em 1970; “A grande arte”, em 1984; “O buraco na parede”, em 1996; “Secreções, excreções e desatinos”, em 2002; “Pequenas criaturas”, em 2003; “Amálgama”, em 2014), quando “Feliz ano novo” teve a circulação e publicação proibidas, em 1976. Dois anos depois, “O Cobrador”, que vencera uma premiação literária, também era proibido.

As proibições não suavizaram os textos de Rubem Fonseca, que tratou da violência urbana com maior ou menor crueza em toda sua obra. Antes de abraçar a literatura profissionalmente, teve diferentes atividades, entre elas a de comissário de polícia no Rio de Janeiro, o que pode explicar a familiaridade com os temas escolhidos. Narradores solitários cruzam a cidade relatando ou confessando cri-



Divulgação

*Ex-comissário de polícia, Rubem Fonseca levou a crônica policial brasileira das páginas dos jornais para os livros*

## A arte de contar a história do Rio de Janeiro

Por Lucas Padilha\*

O Rio de Janeiro sempre foi mais do que um ambiente na obra de Rubem Fonseca. Mineiro, chegou ao Rio com a família, criança, e fez da cidade elemento essencial para a compreensão de seus contos, novelas e romances.

Em 1991, seu profundo conhecimento da história da cidade aparece na novela “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, na qual o protagonista, Augusto, percorre o Centro dia e noite. Ao observar o cotidiano de prostitutas, ladrões, mendigos, meninos de rua e outros marginais no bairro, ele recorda a história do que já foi o coração de uma capital da Colônia, Reino, Império e República, tendo suas escadarias, hotéis, becos, monumentos

mes, sem qualquer arrependimento. O que leva alguém a se entregar à barbárie não tem julgamento em

sua narrativa seca, que também se abre, principalmente nos romances, a personagens vívidos e

e igrejas como marcos esquecidos de um passado de esplendor.

Esse poema em prosa nostálgica da memória da cidade se encerra em um domingo, no cais da Praça Quinze, onde as águas do mar batem, “causando um som que parece um suspiro, um gemido. (...) Como todo domingo, será um dia ruim para os miseráveis que vivem dos restos de comida jogados fora”, pois os restaurantes do Centro não abriam aos fins de semana, na época da publicação da novela. Hoje, na região onde escritor conclui “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, restaurantes, bares e centros culturais abertos celebram a revitalização do Centro e também o centenário de um de seus maiores admiradores, um carioca de criação.

\*Secretário Municipal de Cultura

carismáticos. O principal deles é o detetive mulherengo Mandrake, protagonista de uma trilogia.

As obras de Rubem Fonseca geralmente retratam, em estilo seco e direto, a luxúria e a violência urbana, em um mundo onde marginais, assassinos, prostitutas, miseráveis e delegados se misturam. A história através da ficção é também uma marca de Rubem Fonseca, como nos romances Agosto (seu livro mais famoso) em que retratou as conspirações que resultaram no suicídio de Getúlio Vargas, e em O Selvagem da Ópera em que retrata a vida de Carlos Gomes, ou ainda A Cavalaria Vermelha, livro de Isaac Babel retratado em Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos.

Criou, para protagonizar alguns de seus contos e romances, um personagem antológico: o advogado Mandrake, mulherengo, cínico e imoral, além de profundo conhecedor do submundo carioca. Rubem Fonseca inaugurou algo novo na literatura brasileira contemporânea, que foi chamada, como brutalista, em 1975 através de Alfredo Bosi. Em seus contos e romances utiliza-se uma maneira de contar, na qual destacam-se personagens que são narradores. Várias das suas histórias (principalmente romances) são apresentadas na estrutura de narrativa policial com fortes elementos de oralidade.

O fato de ter atuado como advogado, aprendido medicina legal, comissário de polícia, ter vivido no subúrbio do Rio teria contribuído para o escritor criar histórias do mundo parecido com o real dentro dessa linguagem direta. Provavelmente, devido a isso, vários de seus personagens de suas obra são (ou foram) delegados, inspetores, detetives particulares, advogados criminalistas, ou, ainda, escritores.

A Rubem Fonseca interessa registrar o cotidiano terrível das grandes cidades e, simultaneamente, mostrar os dramas humanos desencadeados pelas ações transgressoras da ordem. O que mais chama atenção na obra de Rubem Fonseca é a mentalidade dos bandidos. Em nenhum momento eles se sentem remorso ou culpa. São perversos e frios, venham dos estratos superiores ou das camadas populares.

ENTREVISTA / JANAÍNA SENNA, EDITORA

# 'Para ele, importantes eram os livros, não o autor'

Acervo Pessoal

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

**S**e ainda estivesse em atividade no último domingo, quando completaria 100 anos de nascido, Rubem Fonseca dificilmente participaria de festejos públicos pelo aniversário, embora na vida particular gostasse de uma boa conversa – o que se recusava a travar com jornalistas. “Para ele, importantes eram os livros, não o autor”, diz Janaína Senna, que editou, pela Nova Fronteira, a obra de Rubem Fonseca entre 2011 e 2018.

Para celebrar o centenário, a editora está lançando um box reunindo todos os seus livros de contos – e mais duas histórias inéditas, encontradas pela família do autor. Novas edições do romance “A grande arte” e de “Feliz Ano Novo” também já estão nas livrarias. Simpático, afável e aberto a sugestões para seus textos, o escritor que revolucionou a literatura brasileira, enfatizando a violência e a solidão das grandes metrópoles em contos e romances, era totalmente avesso à exposição pessoal. Suas raras declarações sobre literatura aconteciam nas solenidades de entrega de prêmios, como os internacionais Juan Rulfo e Camões. Evitava entrevistas e jamais se submetia à verdadeira maratona de entrevistas e palestras que os escritores hoje cumprem quando lançam livros, acredita Janaína Senna, que conversou com o Correio da Manhã sobre sua convivência com Rubem Fonseca.

**Como foi para você, então uma jovem editora, tratar da edição dos livros com Rubem Fonseca?**

**Janaína Senna** - Nada difícil, ele era divertido e muito informal. Nunca o tratei de “senhor”. Marcava nossos encontros para falar de livros na loja de conveniência de um posto de gasolina, no Leblon, onde ele ia sempre tomar café e picolé, que adorava. Contava um monte de histórias, falava de literatura, do que gostava de ler, como poesia.

**Mesmo assim, ele permaneceu arre-dio à imprensa a vida inteira, não?**



Janaína Senna e Rubem Fonseca. A editora trabalhou diretamente com o escritor entre 2011 e 2018

“*Ele revolucionou o conto, trouxe uma novidade para o gênero, que não existia no Brasil, com uma linguagem crua, a temática urbana e o uso de muitos palavrões*”

Janaína Senna

Quando saía um livro novo, os jornalistas tentavam falar com ele, mas não adiantava, ele não dava entrevista. Dizia que os livros estavam prontos. Esporadicamente, respondia algumas perguntas por escrito. Hoje, mesmo que tivesse tempo e vigor, ele não cumpriria a agenda de eventos que os escritores atendem atualmente. É difícil

para homens daquela época se acostumarem com tanta exposição. A exceção era o Ariano Suassuna, que tinha prazer em fazer palestras, em dar aulas.

**O contrato com a editora determinava o período de entrega de originais?**

Não, era ele que me mandava e-mails, geralmente a cada dois anos, dizendo “Tenho aqui alguns contos; acho que já dá para fazer um livro”. Aí, eu lia e começávamos o trabalho. Como editora, meu papel era dar palpite, pedir que desenvolvesse um pouco mais um trecho, trocar a ordem dos contos. Ele entendia que o editor não estava se intrometendo na autoria, aceitava tranquilamente as sugestões de alteração, que geralmente eram para modificar títulos. Isso porque já havia algum com título parecido, e ele se esquecia, de tanto que escrevia.

**Quem seria o Rubem Fonseca na literatura brasileira de hoje?**

Como disseram no seminário internacional sobre o Centenário de Rubem Fonseca, na PUC-RJ, ele não deixou prole.

Muitos autores de hoje se dizem influenciados em alguma medida por sua literatura, que foi tão inovadora, mas um grande autor como Rubem Fonseca é sempre único. Ele revolucionou o conto, trouxe uma novidade para o gênero que não existia no Brasil, com a linguagem crua, a temática urbana e o uso de muitos palavrões. Talvez o mais influenciado pela literatura de Rubem Fonseca seja o Luiz Alfredo Garcia-Roza, com suas tramas localizadas em Copacabana, mas temos hoje o Raphael Montes abordando a violência urbana, o Toni Belloto, a Patrícia Melo.

**Quais livros de Rubem Fonseca são long-sellers, com boa vendagem até hoje e quais você considera essenciais para conhecer sua obra?**

As melhores vendagens ficam divididas entre “Feliz Ano Novo” e “Agosto”, que foram best-sellers décadas atrás e, vira e mexe, são adotados como leitura obrigatória de algum vestibular. Esses dois são importantíssimos para quem nunca leu Rubem Fonseca, ao lado de “A grande arte”, “O cobrador” e “Lúcia McCartney”.

CRÍTICA / RESTAURANTE / EMILE

# Camilo Vanazzi, um verdadeiro chef

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

À frente da cozinha Restaurante Emile, no Hotel Emiliano Rio, o chef Camilo Tonello Vanazzi destaca-se por sua trajetória internacional e pela habilidade em mesclar influências francesas, espanholas e brasileiras em pratos.

Natural do Rio Grande do Sul, Camilo iniciou sua jornada culinária aos 17 anos, durante o serviço militar, onde descobriu sua paixão pela gastronomia. Desde então, sua carreira o levou a experiências enriquecedoras em países como França, Itália, Na França, atuou em restaurantes estrelados, incluindo o La Cote Saint Jacques, com três estrelas Michelin, e o Le Pré Catelan, onde contribuiu para a conquista de uma estrela Michelin em 2015 e 2016.

Desde 2019, o chef comanda a cozinha do Emile, onde imprime sua assinatura em um menu contemporâneo que valoriza ingredientes locais e sazonais. Sua abor-



Divulgação

*O chef Camilo Vanazzi aposta na culinária brasileira com sofisticação europeia*

dagem combina técnicas clássicas com toques criativos, resultando em pratos que celebram a diversidade e riqueza da culinária brasileira, sem abrir mão da sofisticação europeia.

O menu executivo do almoço é um dos destaques do restaurante. Composto por entrada, prato principal, sobremesa e uma taça de vinho a R\$ 133, oferece opções que variam semanalmente, sempre com foco em ingredientes frescos e preparações que proporcionam conforto e elegância. Entre as criações, destacam-se o picadinho, que remete à tradição carioca, um bobó de camarão incrível e pratos que exploram peixes locais como o olho-de-cão e o pargo, preparados com técnicas refinadas e acompanhamentos inusitados.

Além de sua atuação no Emile, Camilo participa ativamente de iniciativas sociais. Ele colabora regularmente com a Gastromotiva, organização que promove transformação social por meio da gastronomia. Em agosto de 2024, participou da celebração dos oito anos do Refetório Gastromotiva, oferecendo um menu exclusivo que refletiu sua filosofia culinária e compromisso com a responsabilidade social.

## SERVIÇO

### EMILE

Hotel Emiliano - Av. Atlântica, 3804 - Copacabana  
Diarimante (6h às 15h e 19h às 23h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Cozinha resiliente

Promovida pelo Sesc/Senac, a feira gastronômica com receitas preparadas por pessoas em situação de refúgio de diversas nacionalidades estará neste sábado (17) na Praça Mauá. A partir das 11h, o público poderá saborear quitutes e drinks típicos de países como Nigéria, Venezuela, Síria, Colômbia e República Democrática do Congo. A feira gastronômica, protagonizada por pessoas em situação de refúgio, reverencia a resiliência de pessoas que foram obrigadas a deixar seus países.

Divulgação



Ana Paula Santos/Divulgação



### Quatro anos de delícias

A pizzaria Officina Local celebra quatro anos com novidades como a pizza Guanciaie (guanciaie artesanal da Porco Alado). A receita leva bechamel, fior di latte, queijo canastra, molho de tomate cereja e finalização com queijo Vó Gilda. No mês de maio, há ainda chopp de maracujá, tábua de queijos brasileiros, tiramisu de limão e vinhos de vinícolas nacionais. Destaque para o hidromel fermentado e o vinho branco Malvasia Bianca. Guilardo Rocha, proprietário e pizzaiolo consegue sabores únicos. E ótimos sempre. E cereja do bolo é o Tiramisu de limão.

Diana Cabral/Divulgação



### Noites temáticas

O restaurante Nalu By CDesign, no hotel homônimo na Praia do Recreio, oferece duas noites temáticas: Italiana (quintas) e Espanhola (sextas). Na Noite Italiana, há buffet com pizzas, massas e pratos típicos, acompanhados de música ao vivo. A Noite Espanhola inclui delícias como Paella Valenciana, Cocido Madrileño e Pisto, além de carnes e peixes. Ambas experiências acontecem das 19h às 22h. Nos dias restantes, o restaurante serve pratos à la carte com assinatura do chef. O ambiente acolhedor e a gastronomia refinada garantem momentos memoráveis.